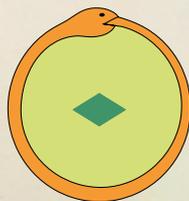
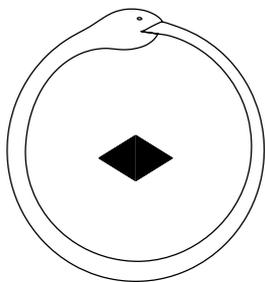


DANÇA E
O JOGO DAS METAMORFOSES
Mauricio Flórez



cadernos
SELVAGEM



DANÇA E O JOGO DAS METAMORFOSES

Mauricio Flórez

Este texto foi escrito a partir das memórias da oficina de dança 'metamorfoses do corpo', oferecida por Mauricio Flórez para a Comunidade Selvagem em outubro de 2022.

A colagem da capa foi realizada por Mauricio.

SÃO PAULO, VERÃO DE 2023

Querida pitangueira, eu gostaria de aprender a dançar como você. A gente mora juntos há mais de dez anos, você sempre fica no quintal, eu também gosto de passar muito tempo lá, de ficar olhando atentamente para você, contemplando. Foi assim que eu descobri que você se expande lentamente em todas as direções, que, mesmo permanecendo em repouso, você parece se expressar o tempo inteiro, que você gosta de florescer no inverno, que seu corpo não é fixo, que ele muda o tempo inteiro, como eu. A sua permanência e estética rigorosa são, ao mesmo tempo, sua dança e sua linguagem.

Teve um dia, durante o isolamento, quando a gente começou a ficar mais junto, que eu comecei a brincar de ser como você, numa tentativa de abandonar momentaneamente meu modo de ser humano para transitar em direção a um modo de ser vegetal. Eu gostaria de aprender a dançar como você, fazer do silêncio melodia. É tão lindo e elegante quando você se balança com o vento, quando o seu tronco muda de pele, quando o sol passeia pela curva das suas folhas, aquele brilho que a chuva deixa, seus frutos vermelhos, sua abundância, aqueles balanços de coordenação imprevisível, tanta força no seu repouso.

Contemplando atentamente você, eu percebo no silêncio dos seus movimentos um certo mistério. É como se você revelasse o tempo inteiro algo que permanece oculto aos meus olhos e que me seduz profundamente. É difícil de explicar, mas quanto mais me aproximo de você, quanto mais observo, menos silenciosa você fica. Olhando

para você, eu consigo perceber a beleza das suas formas e cores, mas tem uma cadência serena nos seus pequenos movimentos que permanece oculta para meus olhos. Talvez seja aquele mecanismo mágico que você utiliza para se alimentar pela superfície da sua pele, capturando a energia que vem dos raios do sol¹. Acho que você não percebe, mas eu vejo quando você faz essas coisas, eu sei que você se alimenta de luz, de raios que vêm de fora do planeta, e mesmo que esse processo seja invisível aos olhos, você se deixa descobrir quando mistura essa luz com a água que penetra pelas suas raízes para criar suas pitangas. É aí que eu compreendo a sua força criativa, no seu florescimento, na criação dos seus frutos.

Eu gostaria de ser como você. Eu quero aprender a dançar com você. Gostaria de pensar sem ter cérebro², de me mover sem ter músculos³, de ter coragem de mergulhar no escuro como as suas raízes o fazem, enquanto outra parte do meu corpo se estende sutilmente em direção à luz do sol. Eu amaria me entregar ao vento com essa sensualidade com que você o faz, de ter o desapego para me desprender das folhas no outono, de ter a elegância plástica que manifesta a sua inteligência para se adaptar ao ambiente⁴. Eu gostaria de reaprender a ser selvagem como você, de saber *esperar, esperar, esperar* o momento certo para florescer.

Para ser como você, para habitar um modo de ser vegetal, eu tive que aprender a desacelerar, a transitar para outra escala de tempo. Eu tive que pegar emprestadas suas qualidades e formas⁵, seus jeitos, me apropriar do seu silêncio, do seu tamanho, imitar as suas curvas e

1. A fotossíntese é o processo biológico mais importante que ocorre na Terra, é a via pela qual toda a energia entra no planeta. A fotossíntese é a relação íntima entre as plantas e a luz do sol.

2. Esta ideia é desenvolvida no Caderno Selvagem *Plantas como Cérebro*, de Jeremy Narby.

3. O movimento das plantas é muito lento e nas últimas décadas, graças aos avanços da tecnologia, estudos com dispositivos de *time lapse*, *stop motion* ou fotografias temporalizadas têm revelado as incríveis capacidades motoras que têm as plantas. Esta ideia se desenvolve no livro *A revolução das plantas*, de Stefano Mancuso.

4. Para ampliar a ideia de plasticidade e inteligência vegetal, sugiro ver o Caderno Selvagem: *Aspectos da inteligência das plantas*, de Anthony Trewavas.

5. Especialistas indígenas do grupo Desana utilizam como mecanismo de transformação em onça a ideia de tomar emprestadas momentaneamente as qualidades do animal usando-as como roupa. Caderno Selvagem: *Complementaridade e transformação Yepamahsã*, de João Paulo Lima Barreto.

torções. Eu tive que imaginar com a liberdade de uma criança. Imaginar que meus dedos deslizam pelo ar como as suas raízes o fazem no interior da Terra, imaginar que as minhas mãos são flores⁶ e meus braços, galhos, eu tive que aprender a respirar com o corpo inteiro, a respirar pelos pés, pelo pescoço, pelas pontas dos meus dedos, eu tive que ter consciência do meu contorno, imaginar que o vento ao redor da minha pele faz parte do meu corpo, como se fosse uma extensão viva⁷. Eu tive que aprender a sentir que meu corpo não termina no limite da pele, que ele se prolonga para além dela, ele se mistura com o mundo e, se for possível, se prolonga até as estrelas. Eu tive que aprender a abraçar o ar de olhos fechados permanecendo num lugar só. Eu tive que aprender a caminhar suave e profundamente mantendo um peso leve que se funde com a gravidade, a criar um pulso suave e ritmado para fazer crescer minhas folhas, a criar belas formas emaranhadas, a carregar pássaros nos meus cotovelos.

Foi contemplando atentamente seu corpo, seu modo de ser, que eu me aproximei dessa transformação, dessa metamorfose do corpo em planta. Primeiro foi uma aproximação inteiramente sensível, pela observação carinhosa dos seus gestos, mas para captar esse mecanismo oculto que se manifesta na sua vitalidade, para sentir essa vida que anima seu corpo e tentar desvendar os seus mistérios, eu alimentei minha imaginação personificando você⁸, criando um diálogo criativo, como me ensinou Cristine Takuá⁹. Eu me aproximei de narrativas míticas que falam de espíritos vegetais, de uma natureza vegetal encantada, de mundos

6. Num encontro com Carlos Papá, durante o [Ciclo de Leitura](#) sobre o livro *Mbaé Kaá, o que tem na mata*, de João Barbosa Rodrigues, ele disse que para os *Guarani Mbya* as mãos são as flores do corpo.

7. A ideia de que as plantas tornam o ambiente ao redor delas parte dos seus corpos é desenvolvida no Caderno Selvagem: *Propriocepção quando o ambiente se torna corpo*, de Lynn Margulis, Dorion Sagan, Ricardo Guerrero e Luis Rico.

8. A personificação dos elementos que compõem a natureza (rios, plantas, montanhas, pedras...) é denominada como *animismo*, uma abordagem sensível de contato com a natureza utilizada por diversos povos indígenas. Luis Eduardo Luna, no Caderno Selvagem: *Biosfera, antropoceno e animismo ameríndio*, diz que a compreensão do pensamento animista poderia ser uma saída para a atual crise ecológica.

9. No caderno Selvagem: *Seres criativos da floresta*, Cristine Takuá, professora, artesã e filósofa do povo Maxacali, nos convida a entrar em contato com seres animais e vegetais, estabelecendo diálogos criativos com a potência expressiva e conhecimento que carregam esses seres vivos.

onde seres humanos e deuses se misturam com plantas alterando a anatomia dos seus corpos para criar transformações mágicas. Me aproximei também da ciência e comecei a estudar botânica, a estudar os Cadernos Selvagens de Margulis, Trewavas, Hallé, Narby... Para tentar compreender o que suas formas elegantes ocultam aos meus olhos. A partir da aproximação e mistura desses dois sistemas de conhecimento que são a mitologia e a ciência, eu fui percebendo que, mesmo sendo tão diferentes, eu e você temos muitas coisas em comum. Nós somos parentes, somos família, começando pela vida. Nós estamos vivos e essa vida que circula em nós é a mesma, como dizem Ailton Krenak e Emanuele Coccia¹⁰. É uma vida que não pertence nem a mim nem a você, ela nos atravessa. As nossas formas são diferentes, mas esse misterioso impulso vital que nos anima é o mesmo. Nós nascemos de outros corpos e carregamos neles a memória ancestral de um passado que não conhece limites. Eu e você viemos do escuro¹¹, você sendo semente dentro da terra e eu sendo semente dentro do ventre da minha mãe. Ambos entramos no mundo por aquele canal misterioso que é a metamorfose¹². Dentro da terra você soube *esperar, esperar, esperar* o momento certo para começar a sua dança. Assim que você acordou da sua dormência, toda embebida de água, quebrou o seu repouso e, com pequenos movimentos e ajustes, você abriu espaço deslizando por um labirinto escuro e empreendeu um caminho altamente polarizado em direção à obscuridade e à luz. Você teve o cuidado, a criatividade e a delicadeza de se criar a si mesma, de moldar o seu próprio corpo apropriando-se aos poucos dele, habitando-o, tornando o ambiente ao redor de você uma extensão sua. Você teve a força imersiva de penetrar no mundo, de mergulhar no ar como os peixes fazem na água, e nesse mergulho você nunca parou de se transformar¹³. Para você e para mim a metamorfose é nosso destino¹⁴, um destino que coincide com a própria vida da Terra.

10. Conversa entre Ailton Krenak e Emanuele Coccia durante o lançamento do livro *Metamorfoses*. O vídeo pode ser acessado [aqui](#).

11. Sobre o escuro, Carlos Papá faz uma reflexão belíssima no Caderno Selvagem: *Pytun Jera desabrochar da noite*.

12. Livro *Metamorfoses* (Dantes Editora, 2000), de Emanuele Coccia.

13. Essa ideia de imersão das plantas no ar é desenvolvida no livro *A vida das plantas* (Cultura e Barbárie, 2018), de Emanuele Coccia.

14. Livro *Metamorfoses*, de Emanuele Coccia.

É por essa admiração que eu sinto por você e seus parentes que eu empreendi esse caminho da metamorfose do meu corpo. Tudo começou por um desejo infantil de transformação e virou um projeto artístico, um processo criativo para criar uma peça de dança que me permitisse transitar para um modo de ser vegetal, afastando-me temporariamente do meu modo de ser humano. Talvez essa intenção de ser como você tenha sido um pretexto para eu aprender mais sobre a vida, sobre a sua vida, sobre a vida das plantas e seus modos incríveis de habitar o mundo.

Você deve estar se perguntando se é possível, de fato, eu me tornar você, se é possível eu incorporar em mim o seu modo de ser, suas qualidades. Eu também me faço essa pergunta, mas eu sinto que sim, que é possível. E para não me sentir sozinho nessa pesquisa, te conto, querida pitangueira, que faz pouco tempo tive a oportunidade de compartilhar esses desejos de transformação com outras pessoas. Em outubro de 2022, ofereci uma oficina de dança para a Comunidade Selvagem que chamei *metamorfoses do corpo*. Durante os encontros compartilhei um conjunto de práticas corporais que ativam a memória e a imaginação através do movimento, propondo a metamorfose do corpo como um jogo, um convite para que seres humanos se transformem em plantas. Eu sinto que a dança é uma tecnologia arcaica para o jogo das transformações, para produzir outro tipo de presença e qualidade de movimento que desvie das formas monótonas de habitar o corpo. Nós, humanos, diferente de vocês, mantemos rotinas onde há pouco espaço para a sensibilidade; somos vaidosos, angustiados e individualistas, permanecemos muito tempo sentados, perdemos o foco com facilidade, o corpo nos dói e frequentemente estamos cansados. Brincar de ser como você e seus parentes pode ser um caminho para uma compreensão mais profunda de nós mesmos, dos nossos corpos, uma possibilidade para adiar o fim do mundo reaprendendo a verdade natural da vida que é ser selvagem¹⁵; um caminho para repensar a maneira como habitamos a Terra, o tempo, o espaço, o corpo. Um caminho para deixar a vida se manifestar plenamente em nós.

Eu sei que nessa transformação que estou procurando não vão sair folhas pelos dedos das minhas mãos, meus pés não vão mergulhar no

15. Caderno Selvagem: *A vida é selvagem* de Ailton Krenak.

interior da terra e meu peito não vai endurecer até virar tronco; eu sou mole demais, é só através do exercício da imaginação que eu posso me transformar. Se metamorfosear através da dança é possível, e dessa transformação podemos ter uma evidência que é totalmente sensível, eu gosto de chamar isso: *o entusiasmo da semelhança*, a evidência de que eu consegui momentaneamente transitar para outro modo de habitar o corpo.

Vou tentar explicar melhor para você o que tenho pensado sobre esse processo de metamorfose do corpo: para dançar é preciso ter vontade de dançar. Essa vontade vem da vida querendo se manifestar intensamente no corpo, a vida é a própria dança. Para alimentar essa dança que vem dessa vontade de mover, eu gosto de criar indicações corporais ligadas a imagens e enunciados verbais que abram as portas da minha sensibilidade¹⁶, que disponibilizam o corpo para o movimento, para que algo se manifeste. Por exemplo: *pensar em acariciar o ar com os dedos, absorver luz pela pele, imaginar que as minhas mãos são flores ou que meu corpo desliza com dificuldade no interior da terra como uma semente que acaba de acordar da sua dormência*. Essas imagens evocam uma certa fisicalidade que facilita a transformação, elas alimentam a imaginação e moldam a anatomia do corpo através da criação de formas. Aos poucos eu vou me apropriando da imagem, ela vai virando corpo e sutilmente vai criando uma sensação; eu sinto, eu sei, a gente sabe quando uma sensação vem do interior para a superfície corpo, algo muda, parece que, de repente, estou em outro lugar, o corpo inteiro se torna a própria sensação. Para continuar a metamorfose é preciso *demorar, demorar, demorar* na sensação, degustá-la, não consumi-la, me entregar inteiramente para ela e deixar que ela me leve até onde quiser. De repente fica gostoso demais, algo mágico acontece, eu me torno você, a imaginação toma o meu corpo por completo, eu perco a noção de dentro e fora, é a vida se manifestando plenamente em mim, é como se, do nada, o cérebro tivesse ficado sereno e silencioso, como se meu eu tivesse ficado de lado para deixar

16. Essa metodologia de criação de movimento através de imagens e enunciados verbais é inspirada na dança *butoh*, surgida no final dos anos 1950 no Japão. Procedimento implementado também pela companhia de dança paulistana Key Zetta & Cia, da qual faço parte.

a dança dançar. É aí que a transformação acontece, quando eu coincido totalmente com a imagem, uma coincidência perfeita entre meu corpo e você, que era o objeto da minha transformação. É um entusiasmo, o entusiasmo da semelhança, um entusiasmo infantil que me diz: “Você se transformou, o seu corpo está plenamente em sintonia com o movimento que anima a vida”. O entusiasmo! O entusiasmo da semelhança de ser como você, querida pitangueira, de sentir você em mim, de incorporar suas qualidades e jeitos, a evidência sensível de que eu me transformei.

Eu acho que além da imaginação, a memória também é importante para acionar a metamorfose do corpo. Você lembra quando eu estava no quintal, ao seu lado, assistindo à segunda Flecha Selvagem que se chama *O sol e a flor*¹⁷? Tem um trecho belíssimo onde Marcelo Gleiser diz que cada átomo dos nossos corpos foi forjado no coração de estrelas distantes, que eu e você somos poeiras de estrelas, filhos do universo, que existe entre nós uma relação de continuidade. Isso me faz pensar que se nossos corpos são feitos dos mesmos componentes, é fácil transitar de um modo de ser para outro, como diz Ovídio no livro *Metamorfoses*¹⁸. Nós somos uma reciclagem de corpos que nos antecederam¹⁹ e através da dança talvez seja possível entrar em contato com memórias ancestrais sutis que permanecem guardadas nos átomos e células que compõem o meu corpo. Talvez através do movimento eu consiga lembrar de um tempo distante onde os átomos que compõem o meu corpo atual eram parte de um pássaro, de uma flor, de uma nuvem, uma pedra, uma árvore... Aí a metamorfose não teria a ver unicamente com ter a imaginação de me transformar em você e sim com a memória de lembrar algum tempo distante em que fui uma árvore. Emanuele diz que “não precisamos girar o globo para sentir o mundo, para vê-lo, para vivenciá-lo em

17. É uma série em sete episódios que projeta o Selvagem para a linguagem audiovisual. A segunda Flecha, *O sol e a flor*, associa diferentes visões sobre a relação do Sol com a vida na Terra. É uma narrativa sobre a profunda interação dos raios cósmicos com a matéria verde, que transforma a Terra em um superorganismo vivo.

18. *Metamorfoses* é uma das obras mais famosas do poeta latino Ovídio. Este poema narrativo foi tornado público por volta do ano 8. Nele, Ovídio conta histórias de transfiguração, de ‘metamorfose’ de deuses e de homens, em fontes, árvores, rios, pedras, animais... num universo que confunde deliberadamente ficção e realidade.

19. Livro *Metamorfoses*, de Emanuele Coccia.

toda sua infinitude. Tudo o que temos de fazer é explorar a memória material e espiritual do nosso próprio corpo. Cada um de nós é a história da Terra, uma versão dela, uma possível conclusão”.²⁰

Vou parar por aqui, querida amiga pitangueira, nos vemos daqui a pouco no quintal.

FLÓREZ.

20. *Metamorfoses*, de Emanuele Coccia, página 31.

MAURICIO FLÓREZ

Dançarino, professor, preparador corporal e coreógrafo, formado em dança e pedagogia pela Universidade de Antioquia – Medellín. Nasceu na Colômbia e mora no Brasil desde 2012. Atualmente se interessa pela botânica e estuda a relação corpo humano – corpo vegetal e assuntos relacionados à metamorfose do corpo através da dança, partindo da ligação entre memória, imaginação e movimento. É aprendiz na Comunidade Selvagem e participa do grupo de tradução de textos do português para o espanhol. Desde 2015 faz parte do núcleo artístico Key Zatta e Cia.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 4 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas.

Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore